

A BRASÍLIA QUE VAI ÀS URNAS

O perfil de um eleitor dividido entre o amarelo de Valmir Campelo e o vermelho de Cristovam Buarque

Ana Beatriz Magno
Celson Franco

Amarelo ou vermelho — qual é a cor do eleitor brasileiro? Meio a meio, responderam as últimas pesquisas que apostaram no empate das intenções de voto, nas vésperas da eleição. Hoje, um milhão e sessenta e dois mil eleitores de Brasília vão às urnas e marcam definitivamente o X dessa questão. Decidem pela segunda vez na História o nome do governador do Distrito Federal. Escolhem, depois de 42 dias de uma entusiasmada e enbadeirada campanha, entre o amarelo de Valmir Campelo do PTB e o vermelho de Cristovam Buarque do PT.

Radiografar a cara, o perfil, do eleitor brasileiro é tarefa difícil. Os institutos de pesquisa e os analistas políticos tentam condensar esse eleitorado em uma única pessoa, na tentativa de encontrar um eleitor-padrão.

Dessa matemática surge uma figura abstrata. A distância, um brasileiro especial. Mais rico, mais politizado, mais culto e mais bem informado que a média do eleitorado do país.

Visto de perto, detalhado em suas diferenças, o que se vê é uma criatura disforme. Tão diferente em suas partes, quanto Brasília e suas satélites.

Hoje sairá de casa o eleitor bem aventurado do Plano Piloto, que por vezes reúne os traços daquele ser imaginário projetado sob medida pelos analistas políticos.

Mas se apresentará também diante das urnas o eleitor esquecido pelo Estado nos assentamentos, que troca seu voto pela possibilidade de um lote, desprovido de qualquer infra-estrutura urbana.

Da fusão entre esses dois eleitores, ou entre esses dois mundos, sairá o novo governador de Brasília. Também característico. "Algo mais que prefeito e menos que governador", como diz o diretor da Vox Populi, Marcos Coimbra.

